

A implicação do maravilhoso na construção argumentativa

Marineia Lima Cenedezi¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. e-mail: mari.cenedezi@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência aborda estratégias de mobilização e participação de estudantes do Ensino Médio na exploração do gênero narrativo conto maravilhoso como meio de ampliar suas habilidades argumentativas. Com efeito, objetiva-se apresentar o percurso teórico-metodológico dessa experiência e a análise de recortes de construções argumentativas desses estudantes sobre o espaço ocupado por fadas e bruxas no universo de contos maravilhosos contemporâneos que, escapando ao império do tradicional, subvertem a imagem de tais personagens. Interessa-nos, sobretudo, chamar atenção para o modo como o estudo do maravilhoso pode criar condições para o acontecimento da argumentação e para a assunção da autoria. Teórico-metodologicamente, ancoramos nosso trabalho no campo da Análise do Discurso de matriz francesa. Para compreender como se dá a constituição da autoria do sujeito aluno em textos argumentativos produzidos no espaço escolar, mobilizamos como dispositivo analítico as noções de autoria e argumentação, respectivamente discutidas por Orlandi (1996; 2006; 2007) e Pacífico (2002).

Palavras-chave: análise do discurso. argumentação. autoria. conto maravilhoso

Linha Temática: Ensino e Aprendizagem (EA)

1 INTRODUÇÃO

Este estudo de ordem prática e experimental emergiu da nossa inquietação provocada pela homogeneização dos discursos produzidos por um grupo de alunos de Ensino Médio, futuros candidatos aos exames vestibulares, sobre sua falta de motivação e de melhor preparo para a produção de redações dissertativo-argumentativas, especificamente, sobre as dificuldades para defender seus pontos de vista acerca de temas polêmicos, ou seja, para sustentar seu dizer a partir de textos motivadores e produzir seus próprios textos com marcas de autoria, indo além da mera repetição parafrástica dos textos lidos. Ao externarem essa preocupação, presumimos que esses sujeitos clamavam por uma imediata proposta de intervenção que pudesse motivá-los a assumirem a posição de autoria, isto é, de responsabilidade pelo seu dizer na construção de textos que tratam de questões que despertam polêmicas no atual contexto sócio-histórico.

Diante disso, como um possível caminho para atender a seus anseios, partimos da hipótese de que o acontecimento da argumentação e da autoria poderia ser facilitado mediante um trabalho com contos maravilhosos contemporâneos. Tal posição fundamenta-se na ideia de que os contos de fadas modernos, geralmente, são apreciados pelo público juvenil e, sobretudo, podem funcionar como ponto de partida para observação de conflitos de valores e suas manifestações na sociedade moderna. Acreditamos que a renovação dos contos de fadas sugere uma infinidade de temas que servem para reivindicar valores semelhantes aos abordados atualmente em propostas de redação de vestibular – como a ressignificação do papel da mulher na sociedade contemporânea, a liberdade de expressão, a igualdade de raça e gênero, dentre outros.

Dentre os principais contos maravilhosos selecionados para desenvolver essa experiência de leitura e escrita com o grupo de estudantes do Ensino Médio, mobilizamos *As cartas de Ronroroso: minha bruxa não quer ser bruxa* (ORAM, 2008) e o *Manual de boas maneiras das fadas* (ORTHOF, 2011). Esta seleção se justifica tendo em vista que os efeitos

de sentidos que emergem das imagens protagonizadas pelas personagens Hilda Bruxilda, do conto *Cartas de Ronroroso*, e fada Fofa, do *Manual de boas maneiras das fadas*, dariam possibilidades para discutir, dentre outros temas, a historicidade e a ressignificação da figura feminina; o rompimento de modelos pré-estabelecidos; as críticas a determinadas regras sociais e aos valores burgueses que surgiram e se consolidaram entre os séculos XVII e XIX. Percebe-se, nesta medida, que para realizar uma discussão eficiente sobre estas e outras temáticas subjacentes na tessitura dos contos, os participantes da leitura deveriam acionar – de forma mais ou menos consciente – uma série de mecanismos que compõem a linguagem argumentativa para produzirem sentidos e defenderem competentemente seus pontos de vista.

Em face dessas observações, salientamos que o percurso investigativo deste trabalho tem por objetivo analisar a ocorrência de autoria nas manifestações argumentativas de alunos do Ensino Médio, buscando demonstrar que a prática de leitura e compreensão de narrativas maravilhosas – e produções de textos, com base nessa prática – trazem implicações profícuas para a construção argumentativa dos sujeitos que participam dessa experiência, pois defendemos que esta cria possibilidades para eles produzirem textos argumentativos que exploram temas relacionados aos perfis das personagens, atribuem sentidos ao instaurarem um debate sobre os vínculos entre o vivido e o narrado, posicionando-se criticamente frente a problemas sociais reais a partir das vivências dos sujeitos ficcionais, assumindo, portanto, posições sócio-histórico-ideológicas de forma autoral.

Para analisar essas manifestações discursivas, recorreremos teoricamente à Análise do Discurso francesa, por acreditarmos que a proficiência deste campo teórico abre frutuárias possibilidades para perscrutar a discursividade dos alunos em seu aspecto argumentativo. Dessa rede teórica, mobilizamos o fio conceitual de autoria (ORLANDI, 1996; 2006; 2007) e de argumentação (PACÍFICO, 2002), por ser oportuno no direcionamento do nosso olhar no processo investigativo da autoria nas manifestações discursivas dos sujeitos investigados.

2 SOBRE AUTORIA E ARGUMENTAÇÃO

No campo de constituição da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), desde o prelúdio teórico, algumas noções conceituais ocupam lugares de honra, uma delas é a noção de sujeito do discurso, a qual articula consigo outros fios conceituais da AD, e nos ajuda a compreender outras noções que se delineiam a partir dos seus efeitos. Para apurar o conceito de autoria, nessa teoria discursiva, considera-se imprescindível a noção de sujeito pensado como posição, não como indivíduo empírico, mas, conforme a célebre formulação de Foucault (1986), refletido como um “lugar” de saber e de produção de verdade que o indivíduo deve ocupar para ser sujeito do que diz.

Partindo dessa perspectiva, Orlandi (2006) defende que autor é a função que o sujeito assume enquanto produtor de linguagem e, em sua relação com esta, desde que as regras da linguagem sejam severamente respeitadas, o sujeito pode produzir qualquer coisa. Dito de outro modo, não basta que o sujeito enuncie algo para ser autor, implica assumir responsabilidade pela unidade e coerência do que se enuncia. Segundo a autora, essa responsabilidade é exigida em dimensões diversas, como unidade do texto, clareza, não-contradição, correção etc.

Em linhas gerais, entendemos com Orlandi (1996; 2006; 2007) que assunção da autoria implica produzir um lugar de interpretação; a partir dessa função assumida pelo sujeito, determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico), todo texto que apresentar clareza de sentido, uma relação não contraditória entre suas partes, pode ser considerado como uma produção com autoria. Outrossim, para que o sujeito assuma a função de autor, é preciso que ele tenha domínio sobre o que diz, que esteja implicado no seu texto, responsabilize-se pelo seu dizer, crie um novo dizer a partir do já-dito, ou seja, assumam a

posição de autor além da de escritor (passando da paráfrase, que é o retorno ao mesmo espaço de dizer, para a polissemia, considerada como deslocamento dos processos de significação).

Considerando essas reflexões, recorreremos às contribuições de Pacífico (2002) para buscar compreender a relação da autoria com a argumentação. Para a autora, existe um entrelaçamento discursivo que possibilita a articulação entre essas duas noções, pois, se autoria implica um sujeito que historiciza os sentidos, controla os pontos de fuga dos mesmos e assume a responsabilidade pelo dizer, por outro lado, a argumentação exige que o sujeito sustente seu ponto de vista sobre o objeto discursivo. Sobre isso, Pacífico (2002) explica que a sustentação de um ponto de vista requer que o sujeito assumira a responsabilidade pelo dizer; portanto, há aí uma relação entre ambas as noções. Para que tal sustentação ocorra, ela defende que além de conhecer a temática em jogo, o ponto essencial da construção argumentativa é que o sujeito sustente sua opinião em relação ao tema e manifeste alegações persuasivas para justificá-la. Em seguida, o sujeito deve construir uma conclusão que retome e ratifique o que foi exposto anteriormente. Com isso, ele corrobora a defesa empreendida no texto produzido. Nessas condições, pode-se afirmar que o sujeito que é capaz de desenvolver uma construção argumentativa atendendo às exigências desse tipo de texto, assumirá a responsabilidade pelo seu dizer e, portanto, a posição de autor.

3 CONTRIBUIÇÕES DO MARAVILHOSO NA CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA

Sobre a implicação do maravilhoso na construção da argumentação, pudemos verificar, a partir de uma experiência realizada com alunos do Ensino Médio, que a abordagem dos contos de fadas contemporâneos facilita a reflexão da linguagem e o exercício de liberdade pelo sujeito aluno, no sentido deste, movido pela curiosidade que despertou os perfis das personagens, sentiu-se motivado a se apropriar da linguagem e a se posicionar ideologicamente frente ao uso dela, escapando da estabilização provocada por movimentos parafrástico e promovendo deslocamentos, propondo outros dizeres, consequentes da tensão dos processos parafrástico e polissêmico.

Observamos a experiência de trabalho com contos maravilhosos como um espaço privilegiado para pensarmos a assunção da autoria, tendo em vista que eles fornecem termos para o sujeito aluno pensar sobre o que acontece em sua vida e no mundo, com efeito, possibilidade de verdades por diversos pontos de vista representados pelos personagens. Ressaltamos que, para tal experiência, a escolha dos contos maravilhosos não foi fortuita, já que sua tendência para o encantamento, contempladora de temas complexos e grandes mistérios existenciais, bem como, sua natureza fértil em conflitos, personagens caricatas, objetos encantados figurativizadores de poderes e múltiplas alegorias, podem ser consideradas favoráveis para propor uma experiência de linguagem por meio da qual os sujeitos pudessem discursivizar temas complexos que os afetam e os constituem como sujeitos de discurso, interpelados pela ideologia do lugar de adolescentes.

Consideramos que as manifestações de prazeres e angústias despertadas por espaços enigmáticos, encantadores e ameaçadores, por figuras astutas e ingênuas, por objetos figurativizadores de poder, dentre tantos outros elementos presentes nas tramas do maravilhoso, criam condições para o sujeito aluno produzir modos de ver, descrever e compreender temas complexos como a descoberta da sexualidade, os caminhos escolhidos pelos pais, a resignificação do papel da mulher, o confronto e o embate com as regras impostas etc.

Ao observar o modo como foram constituídas (e são) as representações de personagens, questionar sobre os espaços que elas ocupam, sobre poderes e fragilidades que sustentam essas figuras, estabelecer relações entre a realidade dos seres imaginários e sua própria realidade, arriscar interpretações, os sujeitos alunos buscaram assumir a autoria.

Maria Tatar (2013) nos ensina que os contos de fadas movem-nos para uma realidade excessivamente pessoal e por centrar-se em diversos conflitos instalados sócio-historicamente constituem um poderoso legado cultural transmitido entre gerações. Ainda, para a autora, os contos de fadas constituem um cânone que ganhou aceitação no mundo e que se mantém estável ao longo do tempo. Mesmo aquelas pessoas que não estão familiarizadas com detalhes de um ou de outro conto fazem alguma ideia sobre o que versam e sobre como seus temas principais são movimentados no discurso cotidiano para ressaltar argumentos ou adornar pontos de vistas.

Desse modo, buscamos selecionar contos maravilhosos que focalizavam em sua subjacência temáticas de interesse dos adolescentes, capazes de estimular sua reflexão, de possibilitar a discussão desses e de outros temas complexos e que, a partir dos fios já-ditos em outros contextos, eles pudessem perceber o contexto no qual estão inseridos e sentirem-se à vontade para se colocarem, questionarem, arriscarem novas e múltiplas interpretações do mundo maravilhoso e do real, do “dentro” e do “fora”, do “antes” e do “agora”, sustentando seus pontos de vistas com base nas narrativas maravilhosas e nas estratégias argumentativas trabalhadas.

Os contos maravilhosos, “As cartas de Ronroroso: minha bruxa não quer ser bruxa” (ORAM, 2008) e “Manual de boas maneiras das fadas” (ORTHOF, 2011), foram os principais textos literários selecionados para experiência de leitura e escrita que desenvolvemos com o grupo de estudantes do Ensino Médio.

Essas histórias mostram fada e bruxa às avessas, subvertendo os papéis cristalizados no mundo dos contos de fadas tradicionais que, durante séculos, cativaram crianças e adultos. Sobre esses papéis, Coelho (2008) aponta que esses seres fantásticos ou imaginários apresentam-se sob a forma de mulher e, na visão tradicional, a fada é encarnação do Bem, dotada de beleza, virtudes e poderes sobrenaturais, faz interferências na vida dos humanos para ajudá-los a solucionar problemas, quando nenhuma solução natural é mais possível. Mas a figura imaginária feminina a serviço do mal que se apresentava como o avesso dessa imagem bela e samaritana, com aparência desagradável aos olhos e sempre associada ao demoníaco é a bruxa. Personagem movida apenas pelo lado escuro e sombrio da condição humana. No âmbito das narrativas clássicas ou tradicionais, as personagens mais comuns são fadas e bruxas, justamente a oposição entre forças maléficas e benéficas ligadas à representação da mulher-demônio (bruxa) e da mulher-anjo (fada).

No livro de Orthof, a personagem fada Fofa, por exemplo, apresenta-se como uma fada rebelde, diz ser uma “fada enfadada”. Com uma linguagem expressiva e revestida de humor, alerta o leitor que é uma fada deselegante, nada sabe sobre etiquetas, não perde tempo com elas, portanto, não se dedica a ensinar bons modos e nem se curva a ninguém. Ao longo da narrativa, ela vai desconstruindo vários sentidos sedimentados nos contos de fadas clássicos, como a gentileza, a pureza e bons modos das “boas” mulheres e a instituição do casamento. Trata-se, portanto, de uma personagem que não perde tempo com normatizações pré-estabelecidas, é transgressora e contestadora.

Hilda Bruxilda (HB), uma bruxa adolescente, também é uma personagem transgressora, sua feição se diferencia das bruxas convencionais, na medida em que recusa a ser uma delas, rejeitando as normas estabelecidas pela antiga e tradicional sociedade das “feiticeiras do alto escalão”. Assim como fada Fofa, HB é uma protagonista autônoma e altamente contestadora, não se ajustam nas padronizações impostas. Ambas são engraçadas, travessas, ousadas, imaginam um mundo com liberdade para o sujeito ser o que quiser, rompem com o institucionalizado, como a ideia do casamento como último e único recurso para ser feliz. Apesar de inicialmente HB expressar o desejo de se casar com o príncipe, quando o encontra, não se atira em seus braços para viveram “felizes para sempre”. Utiliza estratégias para constatar se se trata de um príncipe “de verdade”. Percebe-se no enredo deste

episódio que a estratégia empregada por HB foi emprestada do conto “A princesa e a ervilha”, de Hans Christian Andersen, já que a identificação de nobreza do suposto príncipe deveria ser constatada por meio do teste de sensibilidade. Ao verificar que ele não passa no teste, dispensa-o e, apoiada no seu poder de bruxa, transforma-o numa abóbora, elemento simbólico que pode ser associado a um “objeto decorativo” do halloween, sem luz própria, ou à simbologia da abóbora que, na crença oriental, relaciona-se ao “inútil”.

Os alunos foram motivados a ler esses contos, partindo do pressuposto de que, assim como outros, apresentam várias possibilidades de leitura. Apresentamos, então, outros contos modernos que recontavam e deslocavam a trama de contos tradicionais para outras regiões de sentido, como os escritos por Ruth Rocha, Chico Buarque e Guimarães Rosa. Da realização dessa prática, emergiram construções argumentativas sobre algumas temáticas, tais como, liberdade, reconfiguração de conceitos, medo, desconstrução cultural, perfis sociais etc.. As veredas metafóricas do maravilhoso criaram um movimento desencadeador de redes de leituras que percorriam a região da polissemia, instaurando a possibilidade da construção do espaço semeador de vozes, das quais se podiam reconhecer a autoria.

4 RECORTE DA EXPERIÊNCIA

A proposta de intervenção foi planejada de modo que extrapolasse tão somente a discussão de noções essenciais necessárias à construção argumentativa (como tipo textual, gênero discursivo, esfera de comunicação, coesão, coerência, argumentação, dentre outros constructos). Além desta prática, foi proposto o desenvolvimento de oficinas de leitura e releitura de contos maravilhosos como motivação para a produção de textos argumentativos, que são aqueles nos quais a argumentação assume primazia discursiva máxima. Dos diversos textos argumentativos produzidos a partir dos contos lidos pelos alunos, apresentaremos dois recortes, produtos dessa experiência e que apontam a assunção do sujeito à posição de autor:

(...) A mulher é retratada de maneira figurada pela fada, e o manual representa a receita para o abandono das “virtudes” que muitos julgam essenciais para ela: manter-se casada mesmo não sendo feliz, executar tarefas domésticas, fazer orações etc. Tudo isso forma o conjunto de coisas que submetem a mulher e impõe a ela um papel a ser rigorosamente cumprido no meio social. A narrativa ironiza isso: “para cada coisa, coitada, deve ter uma mão de fada, tantas mãos... que coisa estranha isso, é uma fada-aranha?”. Estranho mesmo, porque vivemos num contexto que clama por mulheres-maravilha e não por mulheres-aranha. **(A.B. – 15 anos)**

(...) A concepção de mundo da bruxa adolescente HB é realista e se difere da visão de mundo romântica do seu “cuidador”, o gato Ronroroso. HB sofre dilemas que se parecem com os vividos por muitos sujeitos do mundo real, os quais têm seus desejos, ambições, paixões vigiadas e controladas pelo outro. No mundo encantado, Ronroso tenta mostrar para HB quem ela “realmente é”, uma bruxa, se baseando em fatos ensinados ao longo de sua formação como gato cuidador de bruxa. Trazendo isso para o mundo real, trata-se de uma visão romântica, estreita, que não compreende que cada um tem o direito de ser como quiser, movido por suas paixões seja de adolescente ou não. **(S.G – 16 anos)**

Nos recortes supramencionados, pode-se notar a presença da autoria, conforme postula Orlandi (2006), já que, alicerçados numa posição de crítica social e denúncia, os sujeitos alunos apropriaram-se de elementos já dados pelas produções literárias e assumiram a responsabilidade pelo seu dizer. Em seus discursos, nota-se o reconhecimento de que Fada Fofa e HB são personagens modernas que não fazem parte da geração antiga e tradicional, mas de uma nova geração (pois os tempos são outros) que reivindica a liberdade e a autonomia, e, por isso, representa sujeitos reais inseridos no atual contexto sócio-histórico, legitimam um novo discurso, negam o que está posto discursivamente, reclamam outras possibilidades de compreender e discutir o ser e estar no mundo.

Ainda, considerando-se o que postula Pacífico (2002), observamos o acontecimento da argumentação, tendo em vista que é possível verificar nessas manifestações discursivas a

sustentação de um ponto de vista sobre o objeto discursivo em jogo. Os sujeitos investigados reconhecem temas que perpassam o objeto contemplado e sustentam suas opiniões em relação a eles, feito isso, concluem confirmando o que apresentam anteriormente. Diante disso, observa-se que eles foram capazes de construir estrutura de um texto argumentativo, de assumir a responsabilidade pela construção do sentido, portanto, a posição de autoria.

6 CONCLUSÕES

A fim de elaborar uma prática de produção de gêneros argumentativos junto aos alunos do Ensino Médio, partimos da hipótese de que a força criadora e a sabedoria profunda presentes nos contos maravilhosos contemporâneos, e seu rico conteúdo, ajudariam os adolescentes a encontrarem um caminho cognoscível para discursivizarem sobre dilemas sociais, valendo-se de argumentos baseados na inter-relação entre o real e o maravilhoso.

Com efeito, constatamos que, tomado como manifestação reveladora do oculto, quer dizer, daquilo que se esconde atrás da realidade cotidiana e nela se realiza, impondo a força da imaginação que rompe os limites do possível, o maravilhoso nos convida a pensá-lo como possibilidade de instaurar um novo modo de trabalhar a argumentação no espaço escolar – considerando-se o investimento subjetivo do sujeito aluno e a valorização de suas escolhas num processo de condições de leitura e de produção escrita, em que se pondera sobre o acontecimento da argumentação e da assunção da autoria. Essa assunção implica, de acordo com o exposto ao longo deste trabalho, uma interposição do sujeito nos textos que lê e produz.

Para outras contribuições nas práticas de construção argumentativa na sala de aula, pretendemos articular outros gêneros literários, por acreditarmos que a busca de inspiração nas tramas do ficcional pode se configurar como um caminho exultante para empreender uma abertura de exploração de aspectos linguístico-discursivos com destino ao aprofundamento da capacidade de leitura e de escrita dos diversos gêneros de linguagem.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

ORAM, Hiawyn. **As cartas de Ronroroso: minha bruxa não quer ser bruxa**. [ilustração: Sarah Warbuton; tradução: Áurea Akemi Arata]. São Paulo: Moderna, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, R.J. Vozes, 1996.

_____. **Discurso e leitura**. 7ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2006.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2007

ORTHOFF, Sylvia. **Manual de boas maneiras das fadas**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

PACÍFICO, Soraya M. R. **Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer**. Tese de doutorado em Psicologia apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2002.

TATAR, Maria. **Contos de fadas**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges – 2 ed. com. e il. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.